



**AUDIOTOUR PATRIMONIAL DE NATIVIDADE – TO:
CONVERSA SOBRE UM PERCURSO DE PESQUISA
ARTÍSTICO-ETNOGRÁFICO DRAMATIZADO**

**AUDIOTOUR DEL PATRIMONIO DE NATIVIDADE - TO:
UNA CONVERSACIÓN SOBRE UN VIAJE DE INVESTIGACIÓN
ARTÍSTICO-ETNOGRÁFICA DRAMATIZADA**

**NATIVIDADE HERITAGE AUDIOTOUR - TO:
A CONVERSATION ABOUT A JOURNEY OF DRAMATIZED
ARTISTIC-ETHNOGRAPHIC RESEARCH**

Nei Clara Lima¹

<https://orcid.org/0000-0001-6710-0290>

Renata Ferreira da Silva²

<https://orcid.org/0000-0001-6433-6564>

RESUMO

Este artigo, construído em forma dialógica entre uma antropóloga e uma arte-educadora, da equipe do *Roteiro dos Afetos: Audiotour Patrimonial de Natividade - TO*, relata percursos da pesquisa base que deu origem às doze estações do *audiotour*, as contribuições singularizadas da equipe multidisciplinar e alguns de seus resultados. Trazemos a narrativa dramatizada e o roteiro teatral da 1ª. estação do *audiotour*, que ocorre no Escritório Técnico do Iphan, para mostrar a relevância do papel do Iphan nos processos de salvaguarda e de educação patrimonial e a sua disposição de dialogar com as populações locais, nesse caso, mediada por diferentes áreas de conhecimento enfeixadas na relação arte-antropologia.

Palavras - Chaves: Natividade, *audiotour* patrimonial, relações arte-antropologia.

RESUMEN

Este artículo, construido en forma dialógica entre una antropóloga y una educadora artística del equipo *Roteiro dos Afetos: Audiotour Patrimonial de Natividade - TO*, relata las líneas de investigación fundamentales que dieron origen a las doce estaciones del

¹ UFG – Professora Emérita - Doutora em Antropologia Social pela UnB. Nos últimos anos tem se dedicado à pesquisa de inventário, documentação e salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro.

² UFT – Professora Associada – Doutora em Educação pela UFSC. Atua no Núcleo de Práticas Pedagógicas do Curso de Licenciatura em Teatro e na Linha de Processos Criativos em Artes PPGARTES.

audiotour, las contribuciones singulares del equipo multidisciplinario y algunos de sus resultados. Se presenta la narrativa dramatizada y el guion teatral de la primera estación del audiotour, la Oficina Técnica del Iphan, para mostrar la relevancia del rol del Iphan en los procesos de salvaguardia y educación patrimonial, y su disposición a dialogar con las poblaciones locales, en este caso, mediado por diferentes áreas de conocimiento que integran la relación arte-antropología.

Palabras clave: Natividade, audiotour patrimonial, relaciones arte-antropología.

ABSTRACT

This article, constructed in a dialogic form between an anthropologist and an art educator, from the Roteiro dos Afetos team: Audiotour Patrimonial de Natividade - TO, reports on the basic research paths that gave rise to the twelve stations of the audiotour, the singular contributions of the multidisciplinary team and some of its results. We bring the dramatized narrative and the theatrical script of the 1st station of the audiotour, the Technical Office of Iphan, to show the relevance of Iphan's role in the processes of safeguarding and heritage education and its willingness to dialogue with local populations, in this case, mediated by different areas of knowledge bundled in the art-anthropology relationship.

Keywords: Natividade, heritage audiotour, art-anthropology relationships.

Prólogo

Neste texto conversam uma antropóloga e uma arte-educadora se deslocando pela cidade de Natividade, distante aproximadamente 220 km de Palmas, capital do Tocantins, no norte do Brasil. O passeio traz à tona um projeto em que ambas participaram, a criação do *Roteiro dos Afetos: Audiotour Patrimonial de Natividade - TO*, uma experiência sonora na qual os participantes acessam áudios via *QR codes* com seus dispositivos celulares. Ao caminharem num percurso contido pelo conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico da cidade, tombado pelo IPHAN em 1987, as pessoas podem experimentar doze faixas de áudio com informações, indicações de ações e paisagens sonoras. Lugares como igrejas, becos, casas e ruínas foram ativados com narrativas dramatizadas por meio das próprias vozes de moradores locais, revelando memórias, costumes, linguagens, hábitos, entre outras relações afetivas que entrelaçam as pessoas ao território onde vivem.

Natividade, cenário deste passeio, está situada na região das Serras Gerais, no sudeste do estado do Tocantins. Foi fundada em 1734, no tempo da mineração aurífera do período colonial, sendo considerada a cidade mais antiga do Tocantins.

A conversa que se propõe aqui potencializa o pensamento nômade a partir do encontro da antropologia e da arte no campo do Patrimônio Cultural. O pensamento nômade é concebido como

aquele em que as ideias circulam em forma de fluxo e fricção entre pessoas com formações diferentes, provocando a ruptura com as categorias estabelecidas. Os relatos se tornam índices de singularidade. O que pode a escrita da vida? Análogos à dramaturgia, esses relatos são divididos em cenas (dinamismos espaço-temporais) dentro de um ato. Ao invés de seguir uma linha reta (como um caminho pré-determinado), o texto cria linhas de fuga, abrindo novos trajetos e possibilidades de pensar o vivido. A escrita tenta dramatizar a experiência pela articulação de diferentes campos de investigação, as artes e a antropologia. Tal como aponta Deleuze (2006, p. 134) é o conhecimento científico, mas é também o sonho, e são também as coisas em si mesmas que dramatizam.

Imagem 1: O território demarcado



Fonte: Felipe Leite (Designer), 2024.

Ato 1: O passeio

A antropóloga e a arte educadora caminham nas ruas da cidade de Natividade com suas sombrinhas de algodão. Faz sol. Ambas se sentem animadas com o passeio pelo centro histórico da cidade, que favorece uma conversa sobre um projeto em que atuaram juntas. O ritmo da caminhada é lento, compassado pelo calor.

Cena 1

Antropóloga (*Enxugando o suor discretamente com um lenço*): Eu não tinha a menor ideia do que era um *audiotour* e pensava em como realmente poderia contribuir com uma pesquisa como esta. Lembro que na primeira etapa do projeto fomos conduzidos a uma abrangente pesquisa para respaldar a nossa prática criativa, alinhando-a ao objetivo estabelecido, que era criar estações em diferentes lugares do centro histórico tombado, com sugestões sensoriais marcadamente significativas, estimuladas pelas memórias dos moradores e pelos registros escritos da historiografia e da literatura regional, com vistas a instrumentalizar o Iphan na implementação de ações de preservação, educação e salvaguarda do patrimônio cultural do estado do Tocantins. Lembro que nesta fase identificamos e coletamos³ textos, livros, diversos *audiotours* e peças sonoras. Você compartilhava esses materiais semanalmente, por meio do aplicativo *WhatsApp*, promovendo uma constante atualização e colaboração de referências entre a equipe⁴. Essa diversidade de conteúdo inicial desempenhou um papel crucial no fomento de discussões, reflexões e proposições acerca dos resultados que almejávamos, mas eu ainda circulava meio às cegas no torvelinho de informações e do desconhecimento de como materializá-las para além do texto etnográfico, que deveria ser reconfigurado em outras linguagens, entre a arte e as tecnologias de aplicativos. Segui na deriva, me deixando conduzir pelas incertezas das trilhas; desafiada, mas confiante nas trocas da produção coletiva, que envolveu o projeto construído dialogicamente entre as artes visuais, a música, o teatro, a literatura, a historiografia e a antropologia.

Arte-educadora (*Parando por um instante, erguendo a sombrinha um pouco mais e respirando fundo*): Nesta fase, confesso, também não sabia como faríamos exatamente, mas intuía que precisávamos desejar e sonhar juntos pois se tratava de um processo coletivo. Acho que toda vez que estou diante de um grupo para iniciar um projeto eu penso na ideia de ativar a circulação de um desejo porque acredito que desta forma [...] todos se incitam, se chamam, põem em circulação o objeto a produzir, o processo a compor, que passam assim de mão em mão, suspensos ao fio do desejo, tal como o anel no jogo de passa anel (BARTHES, 2004, p. 418). Esse jogo foi tomando uma amplitude de jogo com uma cidade inteira, à medida que foi envolvendo pessoas e instituições na participação do processo ?? em diferentes etapas⁵, não é verdade? Incitamos o desejo e acolhemos a incerteza já no

³ Nesta fase, realizamos um levantamento de livros e artigos para nosso referencial bibliográfico, *audiotours* e peças sonoras, além de práticas de derivas disponíveis na internet.

⁴ Nesta etapa estavam diretamente envolvidos como pesquisadores: Noeci Carvalho Messias (Pesquisadora – Historiadora), Renata Ferreira da Silva (Pesquisadora – Artes), Nei Clara de Lima (Pesquisadora – Antropóloga), Heitor Martins Oliveira (Pesquisador – Música), Ricardo Ribeiro Malveira (Pesquisador – Visualidades), Rodolfo Alves da Luz (Pesquisador – Geógrafo), Jorge Cardoso Dias (Pesquisador – Comunicador Social), Felipe Silva Leite (Pesquisador – Comunicador Visual), Verônica Tavares de Albuquerque e Cássia Tavares (Produtoras e ativistas culturais na comunidade) e Laís Paz Duarte (Bolsista de Graduação).

⁵ Nesta etapa, o processo foi desenvolvido por meio de trabalho articulado entre pesquisadores e a comunidade local, contemplando pesquisa documental e etnográfica, escrita de roteiro, captação e edição sonora, criação da identidade visual, produção audiovisual, devolutiva dos resultados e proposta de implementação. O projeto adotou uma metodologia criativa baseada em artes, envolvendo cerca de 135 participantes (30 crianças, 60 adolescentes, 15 idosos e 30 adultos) em parceria

início do projeto para manter a sensibilidade suspensa e aguçar um movimento criativo não linear de uma equipe interdisciplinar.

Antropóloga (*Abanando-se com o caderno de campo*): Eu esperava ansiosa para percorrer Natividade novamente,⁶ naquele momento aguçada pela novidade da criação coletiva de um *audiotour* patrimonial. Assim, me deixei levar pelas ruas e becos tortuosos da cidade colonial, percorrendo-os com a equipe multidisciplinar e, em várias situações, ouvindo os moradores contarem as memórias que eles traziam daqueles lugares. De quase todos os lugares referenciados naquelas histórias, que depois foram escolhidos como estações do *audiotour*, era possível ver a Serra de Natividade, ou Serra de Olhos d'Água, lugar que atraiu o colonizador europeu e os brasileiros litorâneos, no século XVIII, em busca de riquezas minerais e que, com a ocupação daquele espaço, produziu uma sociedade singularizada na produção de imaginários e sociabilidades que até hoje fazem alusão às fabulosas riquezas auríferas ali enterradas. O território da minha perambulação estava demarcado: era com seus moradores, com as reminiscências das suas vidas e com as interpretações que eles construíam da história do lugar que formaria excertos de um texto etnográfico como base dos textos dramatizados escritos a tantas mãos, no Roteiro do *Audiotour*. A cada encontro nosso, o texto inicial era friccionado por outras perspectivas e sofria modificações com a abertura e o acréscimo de novos ângulos. Mas me recordo que demorei para compreender que a estrutura textual do *audiotour* demandava uma outra construção narrativa, bem diferente da escrita a que estava acostumada. O texto a ser produzido para aquela circunstância iria ser transformado em um diálogo imaginário sonoro. Vamos sentar-nos um pouco por aqui nas ruínas da Igreja de Nossa Senhora dos Pretos?

Arte-educadora: Sim, vamos sentar-nos ali à direita, à sombra daquele imenso pé de manga, nas escadarias.

Cena 2

A antropóloga e a atriz estão sentadas numa escadaria. As sombrinhas estão fechadas, lado a lado, próxima a elas. Um casal de araras sobrevoa as ruínas. Um cão late distante. Ouve-se o ruído de um carro de som fazendo propaganda de um supermercado em promoção em alguma rua paralela.

Arte-educadora: (*Já sentada*) Mas acho que foi no contato com a cidade, nas pesquisas de campo e na conversa com os moradores que habitamos o “quando e como” desta pesquisa, quero dizer, o momento em que a materialidade desta experiência sonora começou a ser construída. Você participou do segundo campo de pesquisa, junto com nossa historiadora, mas eu vou contar o que fizemos no

com a equipe universitária, com a participação direta do Grupo de Suça Tia Benvinda, da Escola Municipal Archcelina Pacini Vieira, da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima / O Pelicano e da Associação Comunitária Cultural de Natividade (Ascuna). As ações foram integradas ao projeto político-pedagógico das escolas da região.

⁶ Conheci a cidade ao integrar, como antropóloga, a equipe de pesquisa inventariante do Dossiê de Registro da Ourivesaria Artesanal de Natividade, TO, realizada no primeiro semestre de 2023.

primeiro campo, já que nesta fase nos dividimos em dois grupos. Uma parte da equipe foi ao campo para realizar caminhadas exploratórias. Tínhamos o pesquisador da área de música, de visualidades, as produtoras locais, a bolsista de graduação e nosso comunicador social neste momento. Criamos um jogo: vinte e quatro horas na cidade, processo livre e aberto que culminou na produção de um exercício sonoro. Nas caminhadas foram surgindo pontos de interesse e coletadas coordenadas geográficas para pensarmos espacialmente o percurso, produzindo esboços de mapas na sequência do campo, junto ao geógrafo da equipe. Este grupo experimentou estar na cidade, caminhar, sentar e observar. Deitamo-nos nos bancos de praças, desenhemos fachadas, fotografamos, fechamos os olhos... Aspectos sensoriais e espaciais começaram a ser ativados. Queríamos fugir de uma experiência informativa para pensar uma proposição mais acontecimental, no sentido apontado por Deleuze e Guattari (1995) quando apresentam o acontecimento não como um fato pontual e datável, mas como uma intensidade que atravessa corpos e territórios, produzindo mudanças reais no campo de forças. Descobrimos nesse campo brincadeiras investigativas, quero dizer, possibilidades de relações corpo-espaco e de diferentes atmosferas, distintas para cada estação.

Escolhemos um local para verticalizar um pouco nossa experiência, e foi este aqui, as ruínas da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Estendemos uma manta ali no centro das ruínas, sentamo-nos, ficamos descalços e conversamos... até que surgiu a proposta de um integrante da equipe, um exercício criativo no qual duplas de pesquisadores percorreriam o espaço, revezando papéis: enquanto um caminhava de olhos fechados, orientado pelo parceiro, recebia provocações sensoriais e reflexivas sobre o ambiente. A partir das impressões desse exercício, aliado às informações levantadas no campo, foi elaborado um roteiro com elementos narrativos e sonoros⁷. Aí começamos a dar forma para a interação do grupo numa contínua troca de sensibilidades do processo coletivo.

Nos propusemos a produção imediata deste exercício sonoro experimental, baseado neste primeiro roteiro, com o objetivo de apresentar uma proposta poética inicial ao restante da equipe e às escolas parceiras. A intenção foi criar uma experiência sensorial introdutória, capaz de favorecer a divulgação do projeto e estimular a participação da comunidade, possibilitando a coleta de devolutivas que contribuíssem para o aprimoramento da pesquisa. O material foi gravado lá mesmo na cidade⁸, incluiu locução, versos, canções e o batuque tradicional da suçã — registrado com a colaboração de moradores locais. Nosso segundo campo, no qual você participa, começa com a experiência deste exercício, você lembra?

⁷ Audiotour experimental: https://www.4shared.com/mp3/DaO-H1Plfa/audiotur_-_exercicio_01.html

⁸ A captação do áudio do batuque foi realizada na Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima / O Pelicano, com a participação de Luiz Felipe Pereira de Albuquerque, integrante do grupo de Suçã Tia Benvinda, com apoio das produtoras locais Verônica Tavares e Cássia Tavares, ambas residentes em Natividade e colaboradoras em todas as etapas da viagem de campo. As reflexões e experimentações foram registradas em áudio, constituindo um exercício para as etapas seguintes de criação.

Antropóloga (*Em silêncio, observa o chão, depois levanta os olhos devagar*): Como não lembrar? Percorrer este adro, o interior da igreja Nossa Senhora do Rosário - demarcado por paredes de pedras sem telhado ou outra cobertura - estimulada pelo exercício sonoro experimental foi um maravilhamento, pois me provocou deslocamentos inesperados. Experimentar sensorialmente esta paisagem foi inesquecível. Recortar e redesenhar o relevo ondulante da serra com as retas e curvas das paredes de pedras, de pés descalços e tocando suas superfícies com as mãos e ouvidos, foi pura excitação. Obedecendo às orientações do exercício, me aproximei com os pés e as mãos das diferentes texturas das pedras do chão e das paredes. Senti a temperatura das pedras, aspirei o vento que entrava pelas passagens abertas da igreja. Finalizado o percurso, fui tomada por uma sensação estranha; aquele lugar podia (e passou a ser) percebido com muito mais densidade do que apenas o olhar podia oferecer. As sensações corporais, experimentadas ao tocar as paredes da igreja de pedras, como é chamada pelos moradores, trouxeram à minha consciência uma compreensão muito mais alargada e densa do que as leituras me proporcionaram. Naquele exercício corporal, pude imaginar as mãos negras carregando pedras, desde a serra de Natividade, e construindo uma casa que acolhesse os escravizados e os integrasse à sociedade que ali se erguia. Essa experiência sensível provocou sensações difíceis de nomear, mas que até hoje reverberam em mim. A paisagem da escravidão parecia ficar impressa no meu corpo. Pude, desde então, perceber que o conhecimento pode produzir muito mais chaves interpretativas quanto mais conectar o pensamento com as sensações corpóreas, diferentemente do que aprendi sobre a neutralidade científica, em franco desuso na atualidade. Depois dessa experiência nas ruínas da igreja, creio que já posso dizer, com Ingold (2015, p.286), que “[...] o mental e o material, ou os terrenos da imaginação e do ambiente físico, correm um dentro do outro a ponto de mal serem distinguíveis. São como países cujas fronteiras estão escancaradas para um tráfego de mão dupla que, passando de um país a outro, não precisa atravessar nenhuma barreira ontológica.”

Arte-educadora (*Tirando uma foto das ruínas com o celular, mas sem checar a imagem. Guarda o aparelho lentamente*): Sim! (*sorrindo*). Neutralidade científica em franco desuso mesmo.... Nesta segunda viagem de campo, que durou uma semana toda, já começamos com as atividades de apresentação do projeto para engajamento da comunidade escolar onde compartilhamos este exercício com diferentes grupos por meio de sessões de experimentações organizadas pela produtora. Esta escuta sistemática nos fornecia avaliações de diferentes grupos e funcionou como uma enzima⁹, catalisando uma mudança de percepção dentro do sistema da própria cidade, abrindo uma nova possibilidade de experiência com os remanescentes arquitetônicos desta Igreja, considerada cartão-postal da cidade. E tocamos muito neste ponto dos “terrenos da imaginação” ativados pelo ambiente físico e pela proposta sonora. E tudo foi acontecendo ao mesmo tempo em que partimos para um conjunto de entrevistas

⁹ Segundo os autores, “essas enzimas moleculares são forças produtivas de transformação e de criação, mesmo em meios opressivos. Elas não organizam a fuga, mas a tornam possível” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 294).

com moradores e ampliamos nosso levantamento etnográfico e documental. Lembro-me da intensidade deste campo e das trilhas percorridas para a organização deste material, friccionadas, eu penso, pelo caminhar no território físico em busca de suas figurações culturais e históricas e em diálogo constante entre os vários campos que se juntaram na aventura deste projeto.

Antropóloga (*Levantando-se, tira suas havaianas e começa a caminhar um pouco pela sombra com os pés na grama*): A pesquisa documental, feita pela historiadora da equipe, teve início em janeiro de 2024, com a consulta a arquivos públicos na cidade de Goiânia (GO), que identificou e levantou registros sobre as irmandades religiosas dos tempos coloniais, parteiras e a passagem da Coluna Prestes pela região. Com exceção da passagem da Coluna Prestes por Natividade, os outros dois temas foram dramatizados e incorporados no roteiro sonoro do *audiotour*. Paralelamente, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o Brasil colonial, em particular a referenciada à região do então Norte Goiano com o intuito de aprofundar a compreensão do contexto histórico-cultural da formação da cidade. Esta contextualização também integrou informações trazidas de obras da literatura memorialista, folclórica e regionalista, além de matérias de jornais do Tocantins e de Goiás. Nelas encontramos descrições de manifestações culturais, como festas, religiosidades, linguajares, lendário, tipos populares, profissões, lugares de convivência e costumes de Natividade e das regiões circunvizinhas. Contudo, a pesquisa de campo e o envolvimento com os moradores, por meio de entrevistas gravadas e de conversas aleatórias foram as trilhas abertas para a definição das estações e a matéria que orientou a criação dos textos dos roteiros. Tendo por base esse material, acrescido de visitas orientadas aos pontos das estações para experimentar as distâncias entre os percursos e as sensações de rememorar, nesses lugares, os eventos trazidos pelas leituras e entrevistas, definimos o detalhamento da atmosfera e as referências paisagísticas de cada estação; as ações sensoriais propostas ao público e as sugestões de conteúdo sonoro. Foi a discussão e a produção coletiva desse momento da pesquisa que me permitiu compreender como a etnografia podia contribuir com o projeto, não como um texto antropológico autoral, subsidiário do que seria construído pelas áreas artísticas, mas como um texto produzido coletivamente, tendo como estrutura narrativa as linguagens poéticas de outros campos do conhecimento, experimentando, nesse caso, o texto etnográfico em forma de diálogos dramatizados para falar de memória social, identidade coletiva, patrimônio cultural. Vamos até a sede do Iphan, o escritório técnico que se tornou nossa primeira estação do roteiro? (*Coloca a suas havaianas, abre a sombrinha e coloca seu caderno de campo embaixo do braço enquanto inicia a caminhada*)

Arte-educadora (*animada*): Vamos sim! Gosto de desfazer o percurso contigo e rememorar nosso trajeto criativo. (*Levantando-se, abre a sombrinha e começa a caminhar ao lado da antropóloga*) Eu acho que foi essa experiência sensível com o campo e a partilha coletiva que já

mobilizou os pesquisadores a trazerem seus esboços de propostas. Como cada olhar passeou pela cidade? Acredito que sem essa interação com as camadas de pesquisa que você mencionou simplesmente não conseguiríamos. O pesquisador da área de artes visuais, por exemplo, ocupou-se de mapear as visualidades e as narrativas do espaço para contribuir com o desenvolvimento da identidade visual do projeto. Seu trabalho foi acontecendo de forma livre e foi crucial para o desenvolvimento da identidade visual do projeto, junto ao designer. Lembro quando ele propôs fazer desenhos para cada estação sonora, algo que nem imaginamos, mas que trouxe uma poesia e uma singularidade para a proposta e ainda abriu caminhos para oficinas junto às crianças das escolas parceiras. A nossa bolsista de graduação registrava e organizava esses materiais em pastas para cada estação, isso trouxe uma organização para o trabalho futuro de escrita de roteiro para cada estação. As produtoras locais, ambas professoras da rede pública de ensino de Natividade, também fizeram guinadas interessantíssimas no decorrer do projeto. De início, ao serem indagadas sobre quais pontos da cidade seriam *bons para pensar*, narrar e divulgar o patrimônio nativitano e para receber as estações, sugeriram lugares oficiais, instituídos pelos discursos hegemônicos da cidade, como a casa do primeiro prefeito. Aos poucos foram se familiarizando com as propostas do *audiotour* e, então, uma reviravolta completa se deu. Por meio delas, entramos em contato com moradores portadores de memórias, conhecimentos e tradições de longa data, que foram integrados nos roteiros de diferentes formas.

Antropóloga (*Fazendo uma pausa para tomar um pouco de água da garrafinha que estava na sua bolsa*): Desfazer o percurso... gosto dessa ideia de andar em zigue zague no percurso feito, às vezes andando para trás, para ver os passos dados, as hesitações, as escolhas... Mas, e depois do *audiotour* pronto, quer dizer, escrito, como foi para você a experiência de andar para trás, à procura do entendimento dos passos (e das mãos dadas) da equipe? Quais foram as provocações e inflexões que o percurso produziu? De minha parte, reconheço que a sua participação no projeto, como atriz e como arte-educadora, para além da coordenação, foi fundamental para eu entender o que e como alterar o texto etnográfico, dando-lhe uma configuração dramática, que terminou construindo a base dos diálogos do *audiotour*... demorei a entender... Lembra que eu enviava pequenos textos, mas todos de caráter informativo? Até que você “desenhou” um formato dialógico e imaginário com as informações referenciadas etnograficamente e eu pude, então, saltar para fora do texto convencional. E os ímpetus de transformar informações em roteiros daí por diante? Difícil depois foi parar o desejo de imaginar e escrever sobre inúmeros outros pontos da cidade.

Arte-educadora: A antropologia trouxe a força da escuta e da imersão no campo numa proporção diferente. A presença de uma perspectiva antropológica aguçada trouxe rigor e força para nosso roteiro, nos provocando a conectar nossas impressões e coletas de materiais sonoros, visuais, por exemplo, com interpretações e referências mais aprofundadas. Aí criamos um jogo de escrita para cada

estação, com cenas em formato de texto dramático. Trabalhamos com três camadas temporais para cada estação. Uma camada de tempo mais profundo, mitológico, na qual entraram lendas e cosmovisões, por exemplo. Uma camada de tempo histórico, em que poderíamos explorar aspectos documentais e uma camada que chamamos de “tempo da lembrança de quem vive hoje na cidade”, na qual conseguimos aprofundar as memórias dos moradores e suas conexões afetivas com o espaço. Essas provocações dadas em cada estação nos fizeram detectar qual a força daquele espaço e qual categoria temporal poderia ser dramatizada ali. Foi um jogo, uma brincadeira de colagem de muitas percepções e coletas de materiais. Lembro que o pesquisador musical, realizou algumas captações de áudio com o objetivo de iniciar exercícios que explorassem as escolhas e possibilidades sonoras na construção da experiência. Entre os materiais produzidos, foi criada uma mini-montagem sonora¹⁰ a partir de áudios capturados na cidade de Natividade. Trabalho fundamental que se desdobrou em pistas para vinhetas, paisagens sonoras, como o som dos pássaros que vieram a se sobrepor, na experiência final de uma estação, aos sons de pássaros da cidade. A equipe foi criando um fundo poético comum por meio das partilhas sistemáticas das criações que eram alimentadas pelos retornos e comentários de todos e suas perguntas. As referências de estudos foram fundamentais, como por exemplo, a lenda da serpente de asas que trabalhamos no roteiro em duas estações. Eu gosto muito desse conceito transposto para um modo de trabalho. Já te falei dele? O conceito de fundo poético comum, proposto por Jacques Lecoq, refere-se a um conjunto de experiências sensíveis e imagens universais que todos os seres humanos compartilham, como os elementos da natureza, os ritmos do corpo e as emoções primárias. Para Lecoq, este fundo constitui a base da criação teatral, pois permite ao ator acessar uma dimensão poética e profunda do movimento e da expressão. Ele afirma que “existe um fundo poético comum a toda a humanidade, que é o ponto de partida de qualquer expressão teatral” (LECOQ, 1997, p. 41). Fomos tecendo uma forma poética de viver juntos no projeto, buscando uma metodologia que pudesse se tornar uma força que afirma a vida nessa atmosfera formada com os materiais que cada um ia trazendo, num trabalho realmente coletivo em que cada um se sentisse potente. Eu acho que nosso comunicador social conseguiu captar um pouco disso no [documentário](#) que produzimos sobre projeto.

Antropóloga (*Em frente ao escritório técnico do Iphan*): Quando você diz que a equipe foi criando um fundo poético comum alimentado pelos retornos e comentários de todos, eu revejo como fomos escolhendo os pontos das estações, os temas e referências que as comporiam e como, às vezes, durante as reuniões no *google meet*, imaginávamos e escrevíamos juntos os diálogos que depois foram dramatizados nas vozes dos moradores. Que esse fundo poético também era formado do que cada um de nós capturava da arquitetura do casario colonial, da luz do sol refletida na serra de Natividade, das

¹⁰ Mini-Montagem Sonora: https://www.4shared.com/mp3/garVRbknku/Etapa_2_-_mini-montagem.html

histórias, bailados e cantigas de dona Candinha, das histórias da ourivesaria artesanal, dos veadinhos da Lagoa Encantada, das histórias messiânicas de dona Romana em torno do levantamento do eixo da terra, das memórias dos bailes do mestre Lídio e de dona Alzira, das lavadeiras de roupa nos Poções, entre tantas outras. Os diálogos criados em cada estação do *audiotour* entremeavam, de propósito, as camadas de tempo referidas nas histórias lidas e ouvidas, formando um emaranhado, meio desconjuntado, mas muito sensível, de possibilidades interpretativas da cidade e sua memória. O fluxo dessas histórias, conversas, leituras, ao modo de um rizoma deleuziano¹¹, oferecia o mapa que impulsionava a criação, por múltiplas mãos, do teatro do patrimônio nativitano. Vamos ouvir a estação 1 agora?

Arte-educadora: Sim!

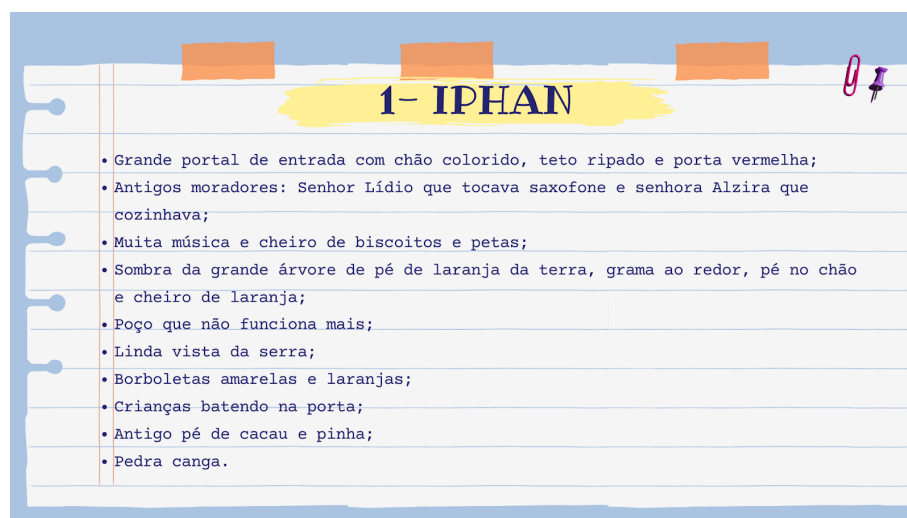
Cena 3

A antropóloga e a atriz colocam os fones de ouvido e desfrutam da experiência da estação 1.

Arte-educadora (*Senta em uma cadeira da mesa disponível na recepção. Retira e guarda seus fones de ouvido. Toma um pouco de água. Respira profundamente e revisa suas anotações num computador já aberto na mesa*)

Penso em como chegamos nesta fase e dramatizamos tantas percepções nesse roteiro. Parecia impossível dar conta de tantos aspectos. Nas primeiras anotações do campo 1, encontro:

Imagem 2: rastros de pesquisa



Fonte: Arquivo pessoal

Arte-educadora: Você percebe como fomos atualizando essas primeiras percepções com toda a força de pesquisa documental e etnográfica posterior?

¹¹ Deleuze e Guattari, 1995. p.32.

Antropóloga (*Sentando-se à mesa e abrindo seu caderno de campo*) Para localizar essa discussão, a título de exemplo, e para fornecer mais pistas sobre o nosso processo criativo, vamos reler as cenas e as rubricas que compõem o Roteiro 1 do *Audiotour*, acompanhadas de informações etnográficas e sugestões poéticas nascidas da pesquisa de campo e das leituras da bibliografia de referência.

CENA 1- Portal mágico Trazemos

[NARRADORA]

Oi! Seja bem-vindo a uma experiência de caminhada guiada. Eu serei a voz que vai te acompanhar durante este roteiro, te contando os segredos de Natividade. Você sabia que está é uma das cidades mais antigas do estado do Tocantins. Esta é a estação 1. Vamos começar?

Atravesse a rua, para observar a casa que hoje abriga o Iphan. Chegando ao outro lado da rua, fique de frente para esta casa. **{DESLOCAMENTO 15-20}** Como está o clima hoje? E você, como está? Estamos em frente ao escritório do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Você já viu como esta casa é diferente? Pare um instante. **{CONTEMPLAÇÃO 15}**_Observe este conjunto arquitetônico. Quantos tipos de janelas você consegue observar? Lembre-se de olhar para trás também! Agora, nós vamos atravessar a rua com cuidado. Avance somente até a frente da escada. **{DESLOCAMENTO 15-20}** A porta do IPHAN será o nosso portal. Você já está em frente à porta? Então, respire. Solte seus ombros. Está preparado? Então suba e entre no portal. **{prato suspenso}**. Perceba as cores, as formas e as texturas deste lugar. **{passarinhos}**

CENA 2- Profecias e encantarias

[NARRADORA]

Agora que está dentro da casa, observe este espaço. O que você está vendo? Tem mais alguém por aqui? Dê uma caminhada e descubra o que te chama a atenção. **{DESLOCAMENTO 30}** Você consegue ir até o pé de laranja da terra no fundo do quintal? **{DESLOCAMENTO 30}** Já chegou? Aproveite a sombra do pé de laranja da terra e observe a serra de Natividade, a serra dos “olhos d'água”. **{CONTEMPLAÇÃO 10}** Você sabia que a cidade começou lá em cima da serra? Lá no alto, foi construído pelos escravizados um enorme tanque de pedra canga para represar uma nascente usada na lavagem do cascalho do ouro na antiga vila de São Luís. Tem pedra canga pertinho de você por aqui... **{guizos distantes L-R}** O tanque de pedra é hoje a Lagoa Encantada e se você chegar até lá, verá as verdes touceiras de capim que contornam a lagoa. **{guizos a meia distância R-L}** e vai ver uma linda veadinha com cordão e guizo de ouro no pescoço a correr flutuando sobre as

águas límpidas e tranquilas da lagoa. É a guardiã do ouro escondido no fundo das águas **{guizos próximos L-C}**. Mas ninguém ousa buscar esse tesouro assim guardado por séculos lá na serra...

[NARRADORA]

{MÚSICA 1 - roncador, tambor e vozes, SEGUE} Debaixo da lagoa encantada está a cabeça de uma grande serpente emplumada que, com suas asas de penas, habita o fundo das águas. A ponta do rabo está embaixo do altar da Igreja Matriz. As penas no corpo desta grande serpente lhe dão forças para estrondar o chão e destruir casas e habitantes não só de Natividade, mas das fazendas e das cidades ao redor. Mas tudo aqui vai embora, inclusive a cidade velha, lá no alto da serra. Dona Romana é quem faz o fundamento no sítio para firmar o planeta no dia em que o grande eixo da terra levantar. É Dona Romana quem também nos ensina que as árvores falam, as plantas falam, a terra fala... Dona Romana ouve tudo, ouve vozes e considera Natividade um lugar sagrado, escolhido.

[DONA ROMANA]

Eles me deram ordem para eu juntar sementes, de toda a espécie de plantas, de árvores, de tudo, de coisa de comer, de tudo... Pra plantar a nova terra, porque depois do levantar-se do Grande Eixo, vai desaparecer todo o verde da terra. O planeta não vai morrer. Ele apenas vai passar por uma grande transformação...
{CONCLUI MÚSICA 1}

{Viagem no tempo - iniciar um assovio de valsa de um senhor e, com efeito de transição, passa para o som da mesma valsa tocada por clarinete - MÚSICA 2}

Antes da casa ser ocupada como escritório técnico do Iphan, ela foi habitada por um casal, Mestre Lídio e dona Alzira, nos contam alguns moradores. O terreno inclinado do quintal da casa é todo gramado e possui vários declives articulados por escadas de pedra canga. Há algumas touceiras de icsórias vermelhas, atraindo borboletas e dando leveza à área coberta que margeia o corredor que leva ao jardim. Da parte mais alta do terreno avista-se um enorme paredão que forma o relevo da serra de Natividade, enlaçando, por cima, o casario do centro histórico e suas adjacências, esses outros espaços que não entraram na configuração patrimonial da cidade, ainda que permaneçam no ‘interior’ das altas paredes da serra. Desse ponto do quintal também se avista as altas antenas de transmissão de energia elétrica e outras redes de comunicação que, pelo menos para mim, eram referências da direção do sítio Jacuba, onde vive dona Romana com sua família extensa, seu jardim de pedras e suas casas distribuídas no terreno em forma de um assentamento.

Nos finais de tarde, esse relevo ganha uma forte luz amarela que nos faz lembrar do ouro, chamariz de colonizadores ávidos de enriquecimento que vieram, junto com criadores de gado, ocupar

a região, fundando a cidade. Contemplar a serra do quintal-jardim da casa do Mestre Lídio e de dona Alzira é lembrar do ouro – o que foi desenterrado às custas do sofrimento de africanos escravizados e o que a terra ainda guarda dele. Desse minério que mobilizou (e ainda mobiliza) e sustentou grande parte da riqueza do empreendimento colonial no Brasil, deriva uma grande parte do imaginário dos nativitanos com alegorias, lendas e messianismos, em que todas essas matérias se misturam para criar sentidos e interpretar a história do lugar. A serpente de penas cuja cabeça está enterrada embaixo da lagoa encantada no alto a serra e o rabo preso embaixo da igreja matriz; a devoção e o calendário das festas religiosas; o desencaixe do eixo da terra, os serviços espirituais e o messianismo de dona Romana, a curadora remanescente de sudaneses que chegaram na diáspora provocada pela escravidão colonial. Retomo aqui a leitura da última cena.

CENA 3 - Memórias da casa

[MESTRE LÍDIO] - Afetuoso e alegre

Opa! Chega aqui. Tudo bem? Eu sou o Mestre Lídio, antigo morador desta casa.

Gostou da música? Eu estava tocando pra minha esposa, a Alzira, ela ama quando eu toco clarinete. Você já a conhece? Não? Para encontrar ela pela casa é só seguir o cheiro de comida [**Termina a fala rindo, em tom de brincadeira**]. Essa mulher está sempre cozinhando alguma coisa no forno de barro, vá até lá... Eu já até sinto um cheiro adocicado se espalhando pela casa.

{deslocamento}

[NARRADORA]

Está vendo o forno de barro que Mestre Lídio mencionou? Vá até lá.

[Dona Alzira] - Amistosa e carinhosa

Olá, não sabia que tínhamos visitas e estou aqui de avental! {lenha/fogo crepitando **SEGUE**} ainda bem que eu já estava assando um bolo. Visita minha não vai embora de barriga vazia. Você já experimentou o bolo de mãe? Ele é tradicional aqui em Natividade. Você vai gostar... Você não quer sentar-se aqui ao meu lado enquanto o bolo assa? Preciso cobrir esses botões. Se você quiser depois eu posso cobrir alguns botões pra você também. Só não faço agora porque lá vem o Lídio me tirar para outra valsa! {**retoma MÚSICA 2 arranjo dança**} (Risos).

ENCERRAMENTO DA CENA.

Os moradores contam que Mestre Lídio, um funcionário público por profissão, era músico e tocava saxofone. Às vezes, o instrumento musical é lembrado como sendo clarineta. Recordam dele como um homem gentil que gostava de frequentar e de oferecer bailes em sua casa. Era casado com dona Alzira, que também gostava de dançar e cuidava do jardim situado nos fundos da casa, no qual plantava árvores frutíferas, entre elas, laranja da terra¹² de cujos frutos, muitos lembram, eram feitos doces para serem servidos às visitas. Esta árvore existe até hoje, frondosa, e enche o ar ambiente de um perfume cítrico, trazendo sombra e frescor ao lugar. O espaço que forma o jardim ou quintal começa no limite da cobertura da casa, que guarda um grande forno à lenha, provavelmente usado para assar os bolos feitos à profusão para serem distribuídos nas inúmeras festas devocionais de Natividade.

Arte-educadora: Nosso esforço foi dramatizar as interpretações antropológicas numa experiência poética. Percebo agora o quanto trabalhar em forma de texto dramático na escrita dos roteiros que foram gravados, estruturando cenas por diálogos entre personagens e narração, além de indicações de ações (rubricas) que orientam e apresentam manifestações culturais e noções patrimoniais como poéticas sonoras, tornaram nosso processo criativo um percurso metodológico.

Antropóloga: Ao repensarmos o processo criativo do *audiotour*, podemos considerá-lo como um dispositivo que serve não apenas para mostrar a cidade patrimonializada para o turista ou visitante, mas também como uma ferramenta capaz de produzir distanciamentos ou deslocamentos nas formas como os moradores se veem e concebem suas tradições, entre suas próprias subjetividades e histórias com as quais tecem o que chamamos de cultura. As estações do *audiotour* operam como se fossem espelhos, em que os moradores podem se ver como coautores da pesquisa, como herdeiros de tradições e construtores de sua própria cultura, de seus patrimônios.

Epílogo

Neste texto, construído a quatro mãos por uma arte-educadora e uma antropóloga e fazendo um percurso ao modo curupira, isto é, andando com os pés voltados para trás numa floresta de epistemes distintas, mas de bordas permeáveis, buscamos refletir sobre o processo criativo de construção do roteiro afetivo do *audiotour* patrimonial de Natividade. Pensamos ter mostrado o percurso de hesitações, dúvidas, experimentações e inflexões ocorridas no diálogo entre duas áreas; o processo de produção dos conteúdos vindos de variadas direções e de reunião desses conteúdos num conjunto de textos dramatizados transformados em roteiros sonoros; e, por fim, os bons resultados que pensamos ter alcançado com o *audiotour* pronto.

Enquanto a pesquisa antropológica buscava cartografar o contexto histórico-cultural por meio de bibliografia especializada e arquivos documentais e de pesquisa etnográfica junto aos moradores,

¹² Na entrada na casa de dona Romana, no sítio Jacuba, há um renque de pés de laranja da terra.

colhendo entrevistas, conversando e enfeixando assuntos a serem apresentados à equipe e eventualmente escolhidos para serem dramatizados, as ações-pensamentos da arte-educação estava sempre voltado para a frente e para a multidão de tarefas interligadas, propondo e realizando experimentações corporais e textuais entre os integrantes da equipe e deles com os moradores; entrevistando pessoas; escolhendo temas, testes de voz dos moradores, gravações de sonoridades dispersas e genéricas da cidade ou de captação de músicas e batuques que queríamos incluir nos circuitos dramáticos das cenas daquilo que iria se transformar nos roteiros afetivos *audiotour*. Trazemos essas experiências compartilhadas por duas pesquisadoras da equipe para chamar a atenção do leitor para a importância de pensar os processos criativos dialógicos e os desafios decorrentes dos deslizamentos e reposicionamentos metodológicos que eles provocam. É importante ressaltar que, apesar de nossas diferenças de formação acadêmica, compartilhávamos interesses comuns e uma grande disposição para deixar nossas experiências particulares se emaranharem umas nas outras, incluindo as pessoas moradoras de Natividade, para alcançar não apenas a memória coletiva que eles herdam e atualizam, mas para com eles experimentar e criar um *fundo poético comum* significativo para todos os agentes envolvidos no processo: nativitanos, Iphan, pesquisadores e demais interessados em cultura, arte e patrimônio. Acreditamos, por fim, que essa pesquisa inova pelos desbordamentos criativos entre os campos disciplinares e, derivada deles, a escolha da linguagem dramatizada para dizer sobre cultura e patrimônio.

Referências

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos**. Textos e entrevistas. São Paulo: Iluminuras, 2006

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 2. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre o movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LECOQ, Jacques. **O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

SHALINS, Marshall. **Historical metaphors and mythical realities: structure in the early history of the Sandwich Islands Kingdom**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1981.